

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO:

*Leão 13, a formação do partido catholico portuguez, e os separatistas*, pelo P.º Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *O Matrimonio*, continuação da Pastoral de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal; *Porque creio nos mysterios Christãos?* II, pelo P.º Alfredo Elviro dos Santos; *Tratado de religião em geral—Noções de religião*, V. de P. P.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *A poesia mystica e um doutor «in cunctis»*, pelo P.º F. Sanchez; *Conhecimentos uteis, II—Barometros*, por Vasco Antonio de Macedo Araujo da Costa.—SECÇÃO HISTORICA: *O monumento ao Marquez de Pombal*, V, por Elias de Sampaio; *D. Frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga*, pelo P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!*, por um leitor de gazetas.—SECÇÃO LITTERARIA: *O Pharo-leiro e a noiva*, por J. C.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

### GUIMARÃES 15 DE JULHO DE 1881

#### Leão 13, a formação do partido catholico portuguez, e os separatistas

Não é já porque a perseguição audaz e crescente, declarada ao catholicismo em Portugal, e as condições da nossa vitalidade religiosa, bem como a justissima defeza dos interesses da igreja portugueza exijam em altos brados que saiamos do isolamento impotente e da inercia mortifera, que advogamos tenazmente esta idea e que já agora não desistiremos mais d'ella. Não, não é só, não é já unicamente por isso que o fazemos: é tambem, é ainda mais porque, como filhos docéis e adstrictos do Paecommum dos fieis que nos orgulhamos de ser, devemos e queremos conformar-nos com a sua soberana vontade, expressa do modo mais formal nas numerosas allocuções dirigidas aos membros das differentes peregrinações que n'este corrente anno de 1881 teem acudido á cidade eterna a visitar o chefe da Igreja catholica, e não menos significativamente traduzida na benção e approvação que acaba de dar á *União catholica* de Hespanha. Em todas essas allocuções Leão 13 tem ferido o mesmo pensamento, affirmado o mesmo alvitre, insistido nos mesmos desejos de *união*, com um encarecimento e uma força de intimativa que só não veem nem reconhecem os que de proposito fecham os olhos á luz.

Ougamol-o com um espirito tranquilo e desapassionado. No seu discurso de 6 de janeiro, dirigido aos peregrinos ita-

lianos, dizia Leão 13 as seguintes palavras: «Convem que a juventude catholica, por meio dos seus circulos, e os Congressos catholicos, com seus centros e commissões, desenvolvam com ardor a sua acção e procurem constituir-se e implantar-se por toda a parte, trabalhando de harmonia.» Mais abaixo acrescentava: «Para nós, encerrado, ha trez annos, dentro d'estas paredes... não será pequena consolação, mas grande conforto, ver-vos docéis, corajosos, resolutos e *firmemente unidos na nobre e gloriosa defeza dos interesses religiosos e sóciaes da nossa patria.*»

Em seu discurso de 24 de abril, dirigido ás sociedades catholicas do Roma, o Santo Padre proferio estas significativas expressões: «Para que a vossa acção seja mais eficaz, e estejaes melhor preparados para as luctas futuras, importa *multiplicar os circulos, as commissões, as sociedades*; importa que ellas obrem todas *de accordo*, e que sempre se estabeleça entre ellas o *laço d'essa fraternal união* que duplica as forças. Agora principalmente que tudo conspira em prejudicar a religião e a Igreja (notem-se as seguintes palavras!!)—*será em vão que tentem oppor-se ao mal* que lavra, se os que teem no coração os interesses catholicos não se unirem e derem cordealmente as mãos.»

Poder-se-ha, perguntamos, formular de um modo mais frisante a necessidade da união dos catholicos entre si? E observamos aqui de passagem que Leão 13 não faz a minima allusão politica nos conselhos que dá aos membros das sociedades romanas: respeita as opiniões partidarias de todos e de cada um d'elles. Se lhes recommenda a união, não é propriamente para que por meio d'ella consigam a reintegração do seu poder

temporal, mas sim «para que a educação (como declara) e a instrução da mocidade, esperança do futuro, sejam christans e para que a profissão de catholico, tão odiosamente vilipendiada hoje por uma imprensa indigna e por outros meios ainda, seja honrosamente mantida junto de vós.»

Ougamos o que o Pontifice diz igualmente, no seu discurso de 8 de maio, dirigido aos peregrinos francezes: «... Para conjurar esses immensos perigos (da revolução anti-christã) é necessario, caríssimos filhos, é necessario que todos os catholicos se *unum intimamente na união e na defeza* corajosa dos interesses supremos da religião e da sociedade... A educação christã, a moralisação das classes operarias, e *revindicação pelos meios legais dos direitos catholicos, desprezados e conculcados*... exercer-se a actividade de todos os filhos dedicados da Igreja catholica.»

Na quinta-feira da Ascensão deu Leão 13 audiencia aos peregrinos allemanes o louvou-os porque, pondo de parte as suas sympathias politicas pela republica ou pelo imperio, se uniam no mesmo pensamento da defeza do catholicismo na Allemanha: «Procuraes sustentar, unindo vossos esforços, os interesses da acabrunhada religião na Allemanha, e patenteais não só por palavras, *mas por acções*, a vossa adhesão a esta Sé Apostolica.»

Finalmente na sua magnifica allocução, ultimamente dirigida aos peregrinos hespanhoes, dizia o Vigario de Christo estas notaveis palavras: «Continuai, caríssimos filhos, continuaí na vossa senda, ... mostrai-vos sempre dignos filhos de vossos paes. *E pois que a mesma se vos uno, conservai-vos igual-*

mente unidos e de accordo nas obras; opponde-vos ao mal que avança impetuosamente esforçando-se por derrubar a familia e a sociedade etc.»

Ainda Leão 13. Nos conselhos dados à deputação de jornalistas catholicos que não ha muito, foi prestar a Sua Santidade a homenagem da sua plena e respeitosa adhesão, recommendou-lhes Elle que, como filhos da Igreja, «uzassem para o bem, de todos os meios d'acção de que os impios se servem para o mal», e portanto da associação, ou colligação, que é a alavanca-mestra do seculo XIX.

E' recente e notoria a nobre resolução dos catholicos de Hespanha, que, electrisados pelo grito da *união por Deus*, tão sympathico aos descendentes dos heroes de Covadonga, se organisaram em um só corpo moral *debaixo da alta direcção de todo o seu Episcopado*, que, por conseguinte, adhere a esse pensamento e toma na sua effectividade a parte mais activa. O partido hespanhol formulou o seu programma. Feito isto, sollicitou a aprovação do Papa. Leão 13 lançou a esse partido. direi antes, a essa cruzada de bispos e catholicos de corações largos, a sua ampla benção, benção que veio dar uma verdadeira consagração à idea indicada, aos representantes d'ella e ao plano de organização destinado a traduzil-a na realidade. Essa benção e sancção pontificia era a alma que faltava ao corpo. Hoje tem-n'a. Não temas a morte da guapa cruzada. Tambem por lá houve amos de alguns separatistas mal humorados, que padecem de uma *carlite* aguda, complicada com um strabismo de tal natureza que só veem fabricantes de machinas infernaes e en'es mais perigosos que atheus em todos os catholicos sem sobrenome, mas:

«no raggonar di loro.»

Temol-os de caza, e não tardaremos a abocar-nos com elles.

## II

Taes factos impoem-se. Revestem toda a magnitude e gravidade que pode imprimir-lhes a fulgurante theara do Vigario de Christo. Tiremos d'elles uma conclusão obvia, se é que tiral-a não é abusar da evidencia. Ha, todavia, quem abuse d'ella em sentido inverso, cerrando os olhos à luz. Vê-se claramente que Leão 13 teve e tem em todos os seus discursos um *pensamento fixo*, porque em todos elles reaparece o mesmo conselho e recommendação feita aos peregrinos das diversas nações da Europa. Qual é esse pensamento e vehemente desejo manifestado?

Todos os catholicos concordam em que é—a união de todos para repellir o inimigo commum. Uns, porem, abraçam

o pensamento na theoria e na pratica, outros abraçam-no em theoria e escondem-no na pratica como poderiam conjurar os sortilegios do diabo em chefe. São os legitimistas de calção e fivelas, porque todos os outros estão com o Papa e com a collectividade catholica. Dizem os primeiros: «Não ousariamos já mais condemnar o principio da união dos catholicos para a defeza dos interesses religiosos, uma vez que tal união está sendo tão reiteradamente recommendada pelo Vigario de Christo na terra (ainda bem que o confessam), *mas cá vem a valvula de segurança*, MAS na pratica é que está toda a difficuldade. Não seriamos adversos à formação de um partido religioso, mas quereríamos que todos os que n'elle entrassem fossem com um coração recto e não com fins de arrebanhar proselytos para as diferentes bandeiras politicas. . . »

«Quem poderia perscrutar a consciencia dos que hypocritamente se filiarão n'esse partido para fazerem triumphar uma causa má?»

Logo, praticamente, a conclusão dos novos inoportunistas é esta: não nos unamos, conservemo-nos isolados, desconfiemos de todo o plano de cohesão entre individuos de politica heterogenea, porquanto semillante cohesão projectada é uma tactica traçoieira do liberalismo que d'est'arte busca «arrastar os miçabelistas incautos para as suas fileiras.» Por conseguinte, agarremo-nos bem ás abas legitimistas uns dos outros, e, comtanto que não bandeemos nem *profanemos* pela fusão com os correligionarios de outra facção que não a nossa, deixemos que a causa, e a vida, e os principios, e os direitos e os interesses catholicos, mais e mais espezinados entre nós, se defendam e sustentem *a si mesmos* como poderem.

Bem, muito bem, irmãos! O «Seculo» d'um lado e vós do outro, é neutralisar a valer todo o movimento catholico dos portuguezes. Assim, assim, minha gente!! Não se ousará afirmar que inventamos. E' a imprensa separatista que se encarrega de nos revelar a incognita de um problema para nós tão impenetravel qual a opposição feita à realisação da idea de um partido catholico, por homens que campeam de catholicos estremes.

Querem, sim, a união que quer o Papa, mas. . . o Papa *ignora* desgraçadamente que na Allemanha, na França, em Hespanha e na Italia ha muitos liberaes catholicos, aliás não propria quejanda união. . . O que não pode a ingenuidade até n'um Papa, embora septuagenario! . . .

Não vamos, comtudo, a estranhar os ladeamentos da imprensa anti-unitaria. Em todas as opiniões que se abraçam e se propugnam até ao fanatismo existe

aquelle espirito de sophisma e de subtilidade refinada, que produziu as mil seitas gregas nos primeiros seculos, que gerou Luthero no decimosexto, e Janseio no seguinte. Em todas. Mas se nota aquella insubmissão recalcitrante, que desencanta sempre novas distincções e argucias de escola, para poder tergiversar e não se curvar, n'uma docilidade singela e filial, ao oraculo indefectivel que a condemna.

Analysemos as asserções dos impermeaveis da união. Entrariam, dizem, no partido catholico «se todos os que n'elle entrassem o fizessem com um coração recto e não com certos fins politicos.» E agora pergunto eu; não teremos igual direito, nós os que nem somos legitimistas nem deixamos de o ser, a recear que se os que assim fallam nos chamassem ou chamarem para um partido catholico creado e organizado por elles, seria identicamente com certos fins politicos secretos? Mas, demais a mais, onde estão nos propugnadores e signatarios da união os homens que entram n'ella com fins politicos damnados, ou com o intuito de nos arrastarem ao liberalismo? Nomeiem-nos. Insinuações d'esta natureza, ou não se proferem, ou provam-se, para que não tenham o mau sabor de perdidas. Quem são elles? Vamos: cite-nos um nome sequer. O do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conde de Samodães? Seria pessimamente escolhido, porque este vulto em tanta maneira respeitavel *nunca* foi fautor nem sequaz do liberalismo, que constantemente tem combatido nos seus escriptos. (Lá que opte de preferencia por esta ou por aquella fôrma politica está no seu direito, como eu, como todos). Porem, saibam os que teriam a absurda inspiração de ver n'elle um adepto do liberalismo e um apostolo activo da seita (uma vez organizada a união), que o Snr. Conde de Samodães nunca escreveu no sentido da formação de um partido catholico portuguez, antes pelo contrario já tem manifestado em alguns artigos seus a opinião de que considera mais ou menos utopistica a realisação d'esse partido. Nada tem feito, nada faz para o fim designado. Não é chefe de movimento, é mero espectador do que fazemos nós outros, que tentamos o supremo esforço para ver se a utopia d'hoje pode ser o facto d'amanhã. Logo, ponhamos de parte o primeiro nome indigitado. Apontem outro. Apontam, não um homem, mas um periodico, a *Palavra*, que representa uma redacção, uma collaboração e portanto um grupo de homens.

A *Palavra* nunca por nunca defendeu o liberalismo, e mais de mil vezes lhe tem dado montaria em toda a linha. Tem ella ultimamente advogado o principio que o jornalismo catholico portuguez defende? Tanto melhor. O que, to-

davia, podemos garantir á imprensa separatista, sob nossa palavra d'honra, é que não temos absolutamente nada com o jornal a «Palavra»; não recebemos o santo e sanha da sua redacção.

Vivemos perfeitamente independentes. *Ordem, e Civilização Catholica, Progresso Catholico e Cruz do Operario, Semana Religiosa e Verdade* são entidades autonomicas, unidas na adhesão ao Chefe Supremo da Igreja, mas todas *sui juris* nos actos da sua direcção intima. Se a *Palavra* quizer o que nós queremos e como o queremos, estender-lhe-hemos a mão, e caminharemos de conserva, se não, passaremos ao largo, sem por isso renunciarmos ao direito de observar e discutir a sua attitude e os seus manejos em face do grande movimento unificador que se elabora actualmente nas entranhas do catholicismo. Entendem agora os inopportunistas? Se o entendem, farão bem de não trazer d'aquí por diante a terreiro a *Palavra*, na questão da formação de um partido catholico, como se fossem cousas equipollentes, porque fazel-o é desperdiçar provas de ineptia ou de maldade.

## III

Onde é que estão, pois, os fautores do liberalismo, que sob a valvula crustacea de catholicos e de adherentes da união pretendem acarear incautos? Denuncie-os, ainda uma vez, a imprensa anti-unitaria, ou fique eternamente convencida de subornadora e calumniosa, de infamante e anti-catholica até á ultima lettra, sob pretexto de propugnar pela causa catholica.

Basta de insinuações, basta de reticencias, basta de prestidigitacões de palavras, basta de maromhas.

Falla a *Nação* e o *Commercio do Minho* do liberalismo condemnado pelo Syllabus, ou falla simplesmente de toda a forma politica que não é o legitimismo? Clareza! Clareza! Nada de termos impalpaveis. Pontos nos i. Se fallam de liberastas, descubram-os para que os conheçamos bem e os amputemos do nosso gremio; se por liberastas entendem todo e qualquer portuguez que não fór legitimista (e assim parece pelo theor geral da sua linguagem e dos seus actos) então... outro ollicio: então não adoptem uma synonymia que será muito embora canonica no dicionario do *esturro*, mas não no dicionario da Igreja catholica, cujo Chefe supremo ainda hontem declarou que a Igreja respeitava todas as formas politicas; e não lancem o odioso sobre um partido catholico que, para sel-o não carece de estar necessariamente envolvido nas dobras de uma bandeira politica (o que seria diminuilo).

porque lhe basta a sombra d'aquella que cobre duzentos milhões de crentes.

De resto, admittamos por um momento que alguns traidores tresmalhem para a união catholica. Constituiriam esses poucos a universalidade moral ou seriam motivo eficaz para que se desistisse da empreza? Por ventura o partido legitimista entendeu jamais que não devia organizar-se porque no seu seio, conforme declarou, já tem havido traidores e pode ainda havel-os? Vão lá dizer-lhe que se dissolva!

Além d'isso, pergunto; não tem já o partido legitimista ido á urna por motivos politicos? Não se fusionou ou, pelo menos, não se poz elle em contacto. n'essas occasiões, com homens de uma politica diversa, e inclusivamente hiperliberal? Não temeu então o contacto nem o suborno... Não julgou contagiar-se acotovellando os preceitos do seu credo tradicional! Pois o que entendeu factivel por um motivo partidario não o entende já factivel nem opportuno por um motivo de uma ordem incomparavelmente superior? O' contradicção! O' palmatoria!

E depois, parece-me que não significa nada (se é que não significa muito) o estar a hostilizar-se uma cousa que ainda não está organizada, e que portanto não tem por ora outra existencia que uma existencia abstracta. Não se sabe quem será o chefe do partido constituendo, não se sabe qual será o seu programma, quaes os seus agentes etc. e brada-se com uma exacerbação pharisaica *Tolle, tolle, eum*, como outr'ora vociferava o *vile pecus* do judaismo contra o Justo.

Logo, todos esses anathemas não tem outro alcance além de um mero receio: «quem poderia, dizem elles, perscrutar a consciencia dos que se filiaram n'esse partido para fazerem triumphar uma causa má?» Ninguem, respondemos, a não ser Deus que «perscruta os corações e os rins.» A nós só é dado julgar pelas acções exteriores. Só ellas nos accusam ou justificam perante a sociedade. Pois bem. Se as reclamações, meus amigos, não tem por fundamento senão o medo, suspendei por algum tempo o vosso juizo ou antes pre-juizo, tentai um ensaio, encorporai-vos a nós para nos conhecerdes, para nos espiardes, para nos surprenderdes as intenções na urdidura dos nossos actos combinados e nos pontos vulneraveis dos nossos estratagemas.

Não tenhais em tão pouco as vossas crenças religiosas e politicas que tem mais se deteriorem ao simples contacto do partido fusionista, nem desconfieis tanto da tempera do metal legitimista que receeis se derreta ao calor da união catholica. Seria dardes de vós e dos vossos dogmas politicos uma idea pouco

favoravel. Sondai-nos bem primeiro e logo que descobrires um fio só que seja da rede do *tal liberalismo* traicoeiro, dai o signal de *alerta*; soltai bando, tocai a rebate; não nos poupeis, arrastai-nos, com o corpo de delicto nas mãos, ao pelourinho da infamia publica e deixai-nos prostrados no pó da rua, esmagados debaixo do pezo de um eterno opprobrio. Se tal conseguirdes, confessarei sinceramente que não conhecia os que julgava amigos e cavalheiros. Desde esse dia por diante serei vosso para nunca mais deixar de o ser. Mas até então não anticipeis as vossas recriminações, por ora intempestivas, não agorenteis os nobilissimos impulsos d'esses corações generosos e profundamente christãos que vem offerecer á causa catholica, na lealdade das suas intenções, tudo quanto n'elles existe de energico e de melhor. Não paralyseis sem proveito forças moraes que podem utilisar-se a bem da prosperidade religiosa do paiz. Se preferis a inacção ou o trabalho da desunião, deixai-nos ao menos experimentar o vigor do nosso braço no trabalho da união. Não semeéis a sizania no campo semeado pela propria mão de Leão 13, não deis a côr sinistra de machinação ao que talvez seja zelo intemerato pelo triumpho da idea catholica que é a vossa ou deve sel-o acima da idea partidaria: não quereis emfim uma obra, que, não sendo por agora nada de concreto, virá talvez a ser uma realidade digna das benções do Pontifice, que implorará em breve, das complacencias entusiasticas de todos os catholicos sem sobrenome, e quem sabe? até da vossa admiração.

Longe de nosso pensamento, note-se! que a religião seja indifferente á politica ou que nada tenham uma com a outra. Estas cousas são perfeitamente distinctas mas inseparaveis, sem que, não obstante, o sejam a ponto de não poder a primeira subsistir sem a segunda. Todavia, visto que uma das politicas, a antiga, descahio completamente das graças da sociedade contemporanea e a outra, a moderna, é em geral mais ou menos hostil á Igreja, n'esta crise gravissima, nós, não podendo nem devendo cruzar os braços e não o devendo justamente porque a Igreja é mais que nunca hostilizada, pomos a politica de parte, como arma inutil, e limitamo-nos a apropositar os direitos que ella nos concede para defender os interesses exclusivos do catholicismo.

Nada conseguiremos? É possível, é quiçá provavel, attentos os elementos de decomposição externa e interna que attritam o projecto da união desejada. Mas vale a pena tentar e esperar contra a esperanza mesma n'uma questão de tamanho momento. Morreremos ao menos no campo do combate, como solda-

dos, e não nos antros, como poltrões e covardes.

Hi, de facto, um grupo consideravel de catholicos, que tendo horror à morte, reúnem os poderosos instinctos de conservação que luctam n'elles contra ella, e que pretendem soltar o derradeiro e decisivo alento para escapar às consequências do estado comatoso, que é o symptoma da extincção proxima.

Se o conseguirem, bem haja o esforço que para tal empregaram, se o não conseguirem, *houve um paiz chamado Portugal, illic Troya et Illion fuit.*

Outros aguardam anciosos a morte, porque entendem que d'ella sahirá a vida. Perdêe-lhes a sciencia.

Ja vai longo este artigo. Voltaremos ao assumpto encetado, no nosso proximo numero, porque havemos chegar até ao fim.

*Nas aguas de Mondariz (Galliza).*

P.º SENNA FREITAS.

## Secção Religiosa

### O MATRIMONIO

PASTORAL DE S. EX.ª REV.ª O SR. BISPO DO FUNCHAL.

(Continuado do n.º antecedente)

«Uma lei civil que, suppondo o sacramento divisivel do contracto do matrimonio para os catholicos, pretende regular sua validade, contradiz a doutrina da Igreja, usurpa seus inalienaveis direitos e, na practica, põe no mesmo plano o concubinato e o sacramento do matrimonio, sancionando a ambos como igualmente legitimados. (1)

O segundo diz tambem: «cumpre que ninguem se deixe embuir pela distincção, tão ardentemente preconizada pelos Regalistas, entre o contracto do matrimonio e o sacramento com o intuito de reservar o sacramento à Igreja e entregar o contracto ao poder e arbitrio dos principaes seculares... A isto accresce que o matrimonio é um sacramento precisamente porque é um signal sagrado que produz a graça, e é a imagem da união mystica de Jesus Christo com a Igreja. Ora a forma e a imagem d'esta união consistem precisamente no laço intimo que unem entre si o homem e a mulher, e que outra coisa não é senão o mesmo matrimonio. D'onde resulta que entre christãos todo o matrimonio legitimo é sacramento em si e por si, e que nada ha mais contrario à verdade do que consi-

der o sacramento como um ornamento accessorio ou como uma propriedade extrinseca, que a vontade do homem pode, por consequencia, desunir ou separar a seu arbitrio.

«Assim nem o raciocinio nem os testemunhos historicos mostram que o poder sobre os matrimonios dos christãos deva com justiça attribuir-se ao poder secular.» (1)

(Continúa)

### PORQUE CREIO NOS MYSTERIOS CHRISTÃOS?

#### § 2.º

Compulsando as paginas da historia da humanidade eu reconheço, que ella, durante a sua longa existencia, tem sempre possuido religiões mais ou menos perfectas, mais ou menos accommodadas á realisacção dos seus fins—*naturaes e sobrenaturaes*, que todas ellas têm sido adornadas de mysterios.

A religião christã, que tenho a dicta de professar, não é excepção a esta regra geral; possui tambem mysterios, mas uma differença radical existe entre os mysterios d'essa longa serie de falsas religiões, e os da religião verdadeira; um contacto admiravel entre as absurdas fabulas do paganismo e os racionaes mysterios do Christianismo!

Todos elles, segundo a opinião dos philosophos, eram meramente allegoricos: assim os de Elensis, por exemplo, consistiam em mostrar, que na pessoa de Ceres era necessario ver e honrar a força productora da terra; os de Myrrha indicavam que este não era outra coisa senão o sol, o qual era o prototypo do homem e do guerreiro.

Cicero porém não duvidou confessar (de legibus—1—1), que as lições dos mysterios pagãos tiraram os homens da vida errante e selvagem, e lhos ensinaram a moral, acostumando-os a uma vida regular e differente da dos animaes; e alguns philosophos modernos (tanto póde a cegueira!) não se teem envergonhado de partilharem tão extranha opinião, a ponto de considerarem taes mysterios superiores aos do Christianismo.

Os que assim procedem ousam temerariamente calar o testemunho insuspeito dos mais notaveis pensadores e a eloquente voz da historia, que nos aponta os hediondos e aviltantes excessos de immoralidade, a que foram levados os povos por causa de taes mysterios, que, incontestavelmente, eram mais

aptos para extinguir a virtude, do que para fomental-a e conserval-a.

Accresco ainda que tinham tal nome sómente por serem ensinados a poucos, enquanto que os da religião christã são ensinados a todos—*docete omnes gentes*; aquelles são puros devaneios humanos, estas genuinas revelações divinas;—aquelles temem a luz, estes não a recebem—*Sacramentum regia abcondere bonum est; opera autem Dei revelare et confiteri honorificum est*—(Tobias cap. 12); aquelles, finalmente, promettem recompensas sensuaes á virtude, estes promettem premios dignos d'uma alma racional e immortal, pelo que, servindo-me do sublime pensamento de Paschal, posso afirmar, que, quando mesmo a religião christã não fosse verdadeira, devia ser abraçada, porque perder-se-hia menos do que julgando-a falsa, sendo ella verdadeira!—*De se tromper en croyant vrais la religion chrétien ne, il n'y a pas grand chose à perdre; mais quel malheur de se tromper en la croyant fausse!*

Pelo que levo dicto parece-me poder com segurança deduzir um motivo de credibilidade dos mysterios christãos, o qual, á mingua d'outros, era por si sufficiente para radicar mais e mais a minha fé; porquanto, se entre todos os mysterios das varias religiões, que existem, e têm existido, só os da religião christã são conformes á minha razão, se só elles desvendam d'um modo satisfactorio os reconditos segredos de minha natureza, sem duvida, que só elles devem merecer a minha fé.

Mas não faltam outros motivos não menos convincentes.

Os mysterios christãos foram, incontestavelmente, revelados por Deus, e Deus, sendo a verdade, não póde enganar-se, nem enganar-me, logo são verdadeiros, logo devo acreditar-os. Por isso diz o concilio do Vaticano—O motivo do nosso assentimento, da nossa adhesão aos mysterios não é nem a evidencia, nem a certeza intrinseca que póde fornecer-nos a nossa razão natural mas sim a auctoridade de Deus que não póde enganar-se nem enganar-nos:—*ó auctoridade infallivel de Deus:—Vera esse credimus non propter intrinsecam rerum veritatem naturali rationis homine perspectam, sed propter auctoritatem ipsius revelantis, qui nec falli, nec fallere potest.*

Os milagres e as prophcias, que são criterios evidentissimos da verdadeira revelação, accommodados ainda aos espiritos os menos illustrados, são tambem, segundo o referido concilio, um motivo imperioso da credibilidade dos mysterios christãos.

Poderão porém dizer-me, para que mysterios incompreensiveis n'uma religião feita para o homem?

(1) Allocut. ad Cardin. 27-sept. 1852.

(1) Eneycl. Arcanum div. sap. consil.

Para responder a similliante pergunta é sufficiente, que eu pondere, que os mysterios fazem parte integrante da religião, e que suppôr uma religião sem mysterios é um impossivel.

Despojada de mysterios, diz o immortal Frayssinous, ser-me-hia suspeita a religião; julgaria reconhecer n'ella uma invenção humana e o segredo d'um impostor habil que tem querido confundir e amedrontar a razão de seus semelhantes. E' necessario que haja pontos incomprehensiveis na religião d'um Deus que deixaria de o ser se podesse ser comprehendido; e eis aqui como os mysterios, longe de tornarem o christianismo indigno de Deus, o marcam para assim dizer com o cunho da Divindade.

A religião é o laço intimo que prende o homem a Deus, e Deus é o primeiro e principal mysterio; e não ha quem possa, convicto, negar a sua existencia, embora lhe attribua naturezas e qualidades diversas;—O homem é tambem um mysterio, e quem poderá, igualmente, negar a sua existencia?—Ninguem. Portanto se eu, junctamente com todos os homens, reconheço a existencia d'esses dois mysterios—Deus e o homem,—se n'elles não posso deixar d'acreditar, sem duvida, que nenhum motivo plausivel me pôde embarçar a que preste a minha fé a todos esses mysterios, que a religião, em nome de Deus, me propõe para crêr.

E, com effeito, o que serão os phenomenos psychologicos e physiologicos senão verdadeiros mysterios?—Quem pode até hoje explicar d'um modo cabal os laços que prendem o espirito á materia? Quem pode conhecer o modo como se transmite a vida animal? Como obram os sentidos?

E se, deixando de contemplar o ente creador e a creatura,—Deus e o homem, dirijo meus olhares para a machina complicadissima do universo, que de mysterios não descubro, que de trevas não circumdam o meu limitado espirito!

Como explicar todos os phenomenos que n'elle observo?—Como explicar todos os seus movimentos, como conhecer a natureza de todos os seus fluidos?

A sciencia, que hoje julga ter quasi desvendado todos os mysterios, tanto do mundo physico, como moral, não tem por unica resposta a todas estas perguntas, senão a esperanza de que, pelo andar dos tempos, poderá alcançar novos elementos com que resolva os problemas que hoje se apresentam insoluveis! Fraca ovasiva!

(Continúa).

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

## TRATADO DA RELIGIÃO EM GERAL

### Noção da religião

#### I

A palavra religião (1) vem de *religare*, reatar; ou de *relegere*, ler novamente; ou de *relegere*, reelegere, escolher de novo; porque a religião vincula-nos e une-nos estreitamente com Deus (2); cu porque nos recorda o dever de nos occuparmos frequentemente das cousas de Deus; ou, em fim, porque praticando, escolhemos de novo a Deus, como supremo bem que perdemos com o peccado (3). Seja qual for a etymologia d'este termo, religião quer dizer—*Culto de Deus*, que é seu principal objecto; *razão dos deveres que temos de cumprir para com Deus*. Tambem se chama—*sociedade do homem com Deus*. Os livros sagrados servem-se da palavra pacto, alliança, foedus, pactum, para designar a religião do Antigo e do Novo Testamento.

#### II

Mas para darmos uma noção mais ampla da religião em geral, acrescentaremos: a religião é «uma instituição divina, natural e positiva, que nos obriga, debaixo da sanção das penas e dos premios, a honrar a Deus com actos de fé, esperanza, caridade, adoração, espirito de sacrificio, gratidão, oração e observancia de suas leis.»

A religião é uma instituição divina; Deus é seu auctor; a religião que fosse obra de homens, uma vez conhecida como tal, cairia com a impostura de seu inventor. E' uma instituição natural, isto é, uma instituição fundada nas relações naturaes, essenciaes e necessarias da creatura com o Creador; relações de dependencia no homem á face de Deus, e de independencia em Deus á face do homem. Como creatura, o homem depende necessaria e absolutamente de Deus; e Deus, que é o ser dos serês, não depende nem pôde depender de cousa nenhuma; elle é suffi-

(1) Religião é a homenagem que a creatura racional deve a Deus; ou o conjuncto do deveres do homem para com Deus. Tomada subjectivamente é uma virtude obrigatoria; tomada objectivamente é um corpo de verdades, já theoricas, já practicas, concernentes ás relações do homem com Deus. *Schoupepe*, Curso abreviado de religião.

(2) Vinculo-pietatis obstricti Duo et religati sumus: unde ipsa religio nomen accepit. *Lactancio*. *Divin. instit.*, lib. iv.

(3) Veja S. Thomaz, *Sum.* part. 2, 2.º quest. 81, art. 1.

ciente para si em tudo e por tudo; portanto o homem está subordinado a Deos. Além d'isto, como creatura racional, é capaz de conhecer a verdade e estimar o bem, com o gozo do qual pôde ser feliz. Ha de por conseguinte tender para Deos, que, sendo a propria verdade, só elle lhe pôde encher o vasio de sua intelligencia, assim como sendo o bem supremo, só elle lhe pôde saciar os desejos do coração, ao qual nada ha que satisfaça senão a posse do infinito: *Fecisti nos ad te, Domine; et inquietum est eor nostrum, donec requiescat in te.*

#### III

A religião não é só natural, é ao mesmo tempo uma instituição positiva. Embora o culto que tributamos a Deos, lhe seja naturalmente dovido, era todavia necessario que Deos determinasse os actos principaes do mesmo culto e fizesse conhecer ao homem o modo como este lhe havia de prestar homenagem. A religião obriga nos *debaixo da sanção das penas e dos premios*: se assim não fosse, seria inefficaz; não seria uma lei, mas uma simples manifestação de vontade esteril da parte de Deos.

(Continúa).

V. de P. P.

## Secção Scientifica

### A POESIA MYSTICA

#### Um doutor «in cunctis»

(Continuação)

«Todavia ha ainda uma poesia mais angelica, celestial e divina, que já não parece d'esto mundo, nem é possível medil-a com criterios litterarios, mais ardente de paixão que nenhuma poesia profana, tão elegante e exquisita na fôrma, tão plastica e figurativa como os mais saborosos fructos da Renascença.

São as *Canciones Espirituales* de São João da Cruz, a *Subida del monte Carmelo*, a *Noche oscura del alma*.

Confesso que ao total-as me infundem religioso terror. Por alli passou o espirito de Deus, aformoseando e santificando tudo: (1)

(1) Mas vem o doutor da ameira o faz esta soez e perfida insinuação: «Aquelle delirio apaixonado da *Noche oscura* de São João da Cruz, não será uma confidencia do seu amor por Santa Thereza, a carmelita doutora, que lhe propunha subtilezas para o ouvir dissertar do amor do ceo?»

Triste missão a de envenenar e azequihar tudo, custe o que custar!

*Mil gracias derramando,  
Pasó por estos ojos con presura.  
Y yendolos mirando,  
Con sola su figura  
Vestidos los dejó de su hermosura.*

Julgar taes arroubamentos, não digo já com o criterio rhetorico e mesquinho dos esmiuçadores de subtilezas, mas ainda com a admiração respeitosa com que analysamos uma ode de Pindaro ou de Horacio, parece irreverencia e profanação.

Não obstante, o auctor era tão artista, ainda visto com os olhos da carne, e tão sublimè e perfeito na sua arte, que tolera e resiste a esta analyse, e nos convida a expôr o desenvolver o seu systema litterario, vestidura riquissima de seu exactico pensamento.

A materia de suas canções é toda da mais ardente devoção e da mais perfeita theologia mystica.....

Poesia mysteriosa e soleinne, e sem embargo, louçã e prodiga e cheia de côr e de vida; ascetica, porém acalentada pelo sol meridional; poesia que envolve as abstracções e conceitos puros n'uma chuva de perolas e de flores, e que, em vez de abysmar-se no centro

Geme o bom senso, indigna-se a razão, a consciencia diz—cala-te; mas o patriarcha da seita disse: *Mentons, mentons qu'il restera toujours quelque chose.*

E' por isso que a nova burra de Balaan, (para os que consideram o sr. Dr. Theophilo como oraculo da escola) depois de preparar o terreno com aquella malevola insinuação, vai mais adiante: «Os canticos de São João da Cruz são verdadeiras eclogas, se lhe tirarmos o titulo; mas eclogas voluptuosissimas... Os dialogos da *Esposa* fazem lembrar as expressões apaixonadas de Santa Thérèza; as fallas consoladoras do *Esposo* as do seu Coadjutor na reforma da ordem carmelitana.

Nada ha de profano n'este juizo. Nada mais natural do que o amor entre Santa Thérèza e S. João da Cruz, como o de S. Francisco de Salles e Mad.<sup>me</sup> Chantal. Devorados pelo mesmo desejo, aspirando ao mesmo gozo ideal, para elles o amor era a harmonia, a perfeição. Christo taubem amou a Magdalena, e essa pagina a mais sublime da sua vida, é a que falta na Escripтура.»

Sem duvida que S. João da Cruz e Santa Thérèza se amaram, porque amar ao proximo como a nós mesmos é um preceito evangelico que os santos observaram em subido grau.

Referir-se-ha porém a este amor o sr. Theophilo? Reconhecerá elle outros amores que não sejam os da carne? Pois um positivista e atheu terá olfacto para apreciar a fragrança da sublime virtude da caridade?

Seja como fôr, a mais refinada má fé revela-se principalmente em querer vêr a toda a força nas poesias de S. João da Cruz, que são a mais bella synthese do amor divino, uma simples captação do amor das creaturas. Contra isto é que a razão, esconceada impunemente, se indigna, e o bom senso, espeziñado brutalmente, se revolta.

Ora quando um critico accusa os outros, a torto e a direito, de indisciplina mental e avança semelhantes dilates, appeteco, em vez de o refutar, passar-lhe carta de guia para Rilhafolles.

da alma, pede imagens a todo o sensivel, para retratar, posto que de longe e em sombras, a ineffavel formosura do Amado.

Poesia espirital, contemplativa e idealista, e que apesar d'isto nos comunica o mais recondito sentido e a mais penetrante impressão da natureza, no silencio e nos miedos veladores d'aquella noite, *amable más que el alborada*, no *ventalle de cedros*, e na aura da campina que esparzia os cabellos do Esposo:

*Las insulas extrañas,  
Los rios sonorosos,  
Los valles solitarios nemorosos,  
Mi amado, las montañas,  
.....*

Por toda esta poesia oriental, transplantada do cume do Carmelo e dos floridos valles de Sião, corre uma chama de affectos e um encendimento amoroso, capaz de fundir o marmore....

E tudo isto é o vestido o a superficie, porque, penetrando até ao fundo, encontramos a mais alta e generosa philosophia que os homens imaginaram (como de Santa Thérèza escreveu Fr. Luiz) de modo que não é licito duvidar que o Espirito Santo regia e governava a pena do escriptor. »

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

**CONHECIMENTOS UTEIS**

**II**

**Barometros**

A invenção dos barometros não é muito antiga.

Torricelli construiu em 1643 uma machina que ainda que muito imperfeita deu origem ao barometro; na machina de Torricelli o mercurio (14 vezes mais pezado que o ar) não subia senão a 0<sup>m</sup>,56 n'um tubo vasio d'ar ao passo que a agua n'uma bomba ordinaria subia a 7<sup>m</sup>,8; d'este facto concluiu Torricelli que a pressão atmospherica fazia equilibrio á columna de mercurio e á da agua.

O verdadeiro inventor do barometro não foi comtudo Torricelli mas sim o eminente mathematico Pascal; pois que este foi que notou que a pressão atmospherica decrescia e que por tanto o mercurio baixava á media que o observador subia acima do solo.

Depois de Pascal o barometro soffreu modificações e aperfeiçoamentos successivos devendo-se sobre tudo ao eminente physico Guy Lussac cujo apparelho vamos descrever em primeiro lugar por ser o mais util de todos.

*Barometro de Guy Lussac*

Compõe-se de dous tubos desiguales em comprimento o maior dos quaes está fechado na sua extremidade superior; e o mais pequeno aberto, estes dois tubos communicam entre si pela parte inferior, a columna de mercurio que faz equilibrio á pressão atmospherica é igual á distancia vertical dos niveis do mercurio e esta altura mede-se por uma regua graduada que existe ao longo do tubo; á maneira que a pressão augmenta o mercurio sobe no braço maior e desce no menor; d'aqui um meio muito facil para calcular a pressão.

Nos nossos climas a pressão atmospherica nos tempos normaes é representada por 0<sup>m</sup>,760: tal é em resumo a descripção do barometro de Lussac.

O barometro de quadrante—Compõe-se d'um barometro ordinario como o que descrevemos munido d'um quadrante no qual se move uma agulha comprida que se eleva ou abaixa conforme a columna de mercurio sobe ou desce; no quadrante estão escriptas as palavras: *variavel*, bom tempo, na qual pára a agulha quando o barometro toma alturas correspondentes.

O principal fim a que se destina o barometro é medir as alturas; é evidente que a pressão atmospherica deve diminuir ao passo que se vai subindo, pois que a altura da columna vac sobreposta torna-se cada vez menor; assim, quando se sobe uma montanha observa-se que a columna barometrica se abaixa; foi utilizando-se d'esta elevação e depressão do nivel que habeis physicos construíram escalas se vê immediatamente pelo nivel da columna a altura a que se está; M. Oltinuns construiu uma escala que é muito estimada.

(Continúa)

Vasco Antonio de Macedo Araujo da Costa.

**Secção Historica**

**O monumento ao marquez de Pombal**

**V**

A gritaria que por ali se escuta, os artigos lombasticos que diariamente as gazetas repetem contra o tribunal da Inquisição, mostrando-o ao clarão avermelhado das fogueiras como o mais terrivel, o mais tyranno de quantos tribunales se teem creado na terra, de sobra nos convence de que a Ordem dos Prégadores, essa phalange aguerrida dos soldados da Fé, estava ao serviço de uma causa que a humanidade olhava com horror e que a historia menciona com letras de sangue.

Mas, em face dos quadros espantosa-



mente terríveis, que o snr. Pinheiro Chagas nos tem apresentado, dos feitos, das aventuras do marquez de Pombal, feitos e aventuras que nos não constassem imitação nem antes nem depois, ousamos fazer aos liberdadeiros de Portugal a seguinte pergunta:—Qual a razão por que vós, amigos e admiradores do marquez de Pombal, e das suas tyrannias, vos não lembraeis ainda de levantar estatuas em plena praça a S. Domingos de Gusmão, a Troquemada a D. João III e a tantos tyrannos que vós apresentaes ao povo, fazendo-lhe ter contra elles um odio, uma aversão como ainda se não teve a ninguém?

E' que as tyrannias por vós apontadas a homens que a Igreja venera, só existem nos livros que vós escreveis ou troncaes; porque se fossem verdadeiras decerto lhe terieis erguido estatuas. E se lh'as não ergueis, uma de duas, ou elles não foram os chefes da tyrannia como vós affirmaes, e n'esse caso mentis, ou o marquez de Pombal chegou a ultrapassar todas as tyrannias, aproximando-se assim de vós pelos instinctos ferozes, a ponto de merecer de vós uma estatua.

Optamos por este ultimo alvitre, escudados no que diz o snr. Pinheiro Chagas, que será a

**Quinta pedra para o monumento que o Progresso Catholico ergue ao grande marquez de Pombal:**

«Parecia que tinha de ser este o ultimo supplicio, que não podia ir mais longe o pavoroso, que não era possível excitar em mais alto grau nas almas dos espectadores a compaixão e o horror, que chegara enfim essa tragedia aos ultimos limites do pathetico. Engano! A imaginação dos algozes, ajudada de mais a mais por um acaso infernal, ainda preparava ao povo accumulado em Belem um lance mais cruel.

Voltou a cadeirinha, e trouxe o ultimo suppliciado.

«Antonio Alvares Ferreira vinha em camisa e calção, como todos os outros plebeus, mas coberto com um capote. Algemava-o pela cintura uma cadeia de ferro, e as mãos estavam atadas com cordas. Quando chegou junto do cadafalso, mostraram-lhe os algozes pacientemente os cadaveres de todos os réos, puzeram-lhe depois ao pescoço um sacco cheio de pez e enxofre, e untaram-no de breu. Entretanto descarregavam a barca, tirando para fóra os materiaes da fogueira, e nem sequer haviam tido a caridade de poupar ao réo este supplicio moral, este sinistro ante-gosto dos seus padecimentos, porque foi em sua presença que se entregaram a esse trabalho, que durou mais d'uma hora, em-

quanto os padres, que acompanhavam o réo, o confortavam quanto podiam. Elevaram-se enfim ao céu as chammas da fogueira, envolvendo por todos os lados o desgraçado. Julgavam os espectadores que em breve ficaria o infeliz reduzido a cinzas, mas pensando assim, não contavam com a cruel cumplicidade das forças da natureza. Antonio Alvares tinha o rosto voltado para o norte, e do norte soprava tambem brandamente o vento, em tenues rajadas, de fórma que as chammas ondulando ao sopro da vivração, acamavam-se como espigas esbrazeadas, elevavam-se a pequena altura, lambiam, sinistramente cariciosas, o corpo do padecente, e arrançavam-lhe gritos agudissimos de desespero, que traspassavam o coração de todos, e commoviam talvez até os proprios algozes. Os padres, compungidos por este padecimento atroz, com os rostos banhados de lagrimas, sentiam exaltar-se no seu peito o sentimento da caridade christã, e derramavam sobre aquelle pobre espirito angustiado os orvalhos do céu, o balsamo da fé com tanto zelo, e tão vivo desejo de o confortarem e alliviarem, que nem o sentirem-se molestados pelas chammas os impedia de se approximarem do desgraçado, parecendo que desejavam precipitar-se na fogueira, que ao seu lado consumia a victima de tão odiosa condemnação. Não havia porém consolações que podessem mitigar as dôres excruciantes do desventurado. O vento parecia cumprir submisso as ordens do tribunal da infidencia; já as chammas tinham deborado as cordas que cingiam os pulsos de Antonio Alvares, e Antonio Alvares, vivo ainda, soltava gritos lamentosos; já a cadeia de ferro, que o algemava pela cintura, immensamente esbrazeada, rubra e candente, lhe escaldava o corpo, e o espirito vital persistia implacavelmente n'aquelle corpo torturado!

Eram mais de quatro horas da tarde quando terminou esta de todo o ponto horrorosa tragedia. Durára dez horas o sinistro espectáculo, a que o povo, que se apinhára em Belem assistira intrepidamente, sem que o horror levado ao extremo o revoltasse, sem que ao mesmo o fatigasse a monotonia sinistra das execuções. Os ministros e as tropas, antes de partirem, assistiram ao incendio do cadafalso, pois que os juizes tinham querido que se abrazasse nas chammas o theatro onde se representara tão cruel e doloroso drama. A memoria d'essa vingança atrocissima, não a poderam elles apagar na memoria das gerações; debalde reduziram a cinzas o cadafalso. Entre o fumo negro, com que o rei D. José, Sebastião de Carvalho, e os seus cumplices pareceram querer esconder os horrores que ordenaram, con-

tinha a historia a ver sempre a sinistra visão d'esses desgraçados que se estorcem nas convulsões d'uma agonia horrivel.»

(M. Pinheiro Chagas—*Historia de Portugal nos seculos XVIII e XIX*, pag. 185 e 186.)

E é por continuar a *historia a ver sempre a sinistra visão d'esses desgraçados que se estorcem nas convulsões d'uma agonia horrivel*, que o snr. Pinheiro Chagas se associou á maçonaria portugueza para festejar o centenario de Sebastião José de Carvalho, e levantar-lhe uma estatua?

Quanto melhor fóra que o fumo negro tivesse feito desaparecer a sinistra visão para não termos de notar as contradicções do snr. Pinheiro Chagas!

Quanto melhor fóra que o tablado sobre que se representara a horrorosa tragedia, ao cahir desconjuntado pelas chammas, tão escondido ficasse entre os escombros do incendio, que nem a historia d'elle houvesse noticia, porque não teriamos n'este momento de maldizer os homens, que, em nome da liberdade, fazem a apothecose da mais torpe, da mais infame das tyrannias.

(*Continúa*).

ELIAS DE SAMPAIO.

## D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

ARCEBISPO DE BRAGA

A historia d'este heroe é uma das mais celebres: ha n'ella quadros brilhantes que apresentam o typo do religioso perfeito, elevado a uma alta dignidade ecclesiastica.

Este varão respeitavel do seculo XVI ainda hoje é citado como inflexível e exemplar de prelados santos e zelosos. O nome de D. fr. Bartholomeu dos Martyres é proverbial na Igreja.

A cidade de Lisboa com razão se póde gloriar de lhe dar o nascimento, Braga de o ter por Pastor, o concilio de Trento de o admirar entre os seus padres, e Roma de o escutar como um oraculo.

Grande honra, certamente, veiu á augusta cidade de Braga, de ver sentado na sua primacial cadeira um varão tão eminente em virtudes, um verdadeiro apostolo, digno successor de tantos esclarecidos prelados, que com sua santidade e sciencia estabeleceram aquella primazia das Hespanhas.

Este insigne varão, no dizer de fr. Luiz de Souza, «foi um arcebispo de tal valor, que não só foi poderoso para reformar a religião descalhada, emendar os costumes descompostos do clero e do povo, e reduzir em sua diocese todas as leis divinas á sua antiga pureza, mas ainda na Igreja universal foi de tanto pezo o seu voto e zelo na grande

ocasião do santo concilio de Trento, que por voz e fama publica se lhe attribuem muitos decretos santos com que hoje se governa a christandade.»

Na linguagem moderna, D. fr. Bartholomeu foi um reaccionario, um fanatico, um obscurantista, um jesuita! Se elle até foi *frade*, e honrava-se com o nome de *frade*!... Não se pôde dizer mais.

Não é possível na breve noticia que da sua vida damos, o desenvolver o grande quadro que offerece á nossa contemplação o venerando prelado de Braga, no seu longo episcopado de vinte e tres annos.

Nasceu em Lisboa, em maio de 1514. Professando a religião de S. Domingos, foi prior do convento de Bemfica, e mestre do infante D. Antonio. Em todos estes cargos procedeu como religioso perfeito, prelado virtuoso e mestre consummado. Governava mais com o exemplo que com a palavra, considerando-se o ultimo dos subditos.

Ao convento concorriam com frequencia os principes, com especialidade o cardeal D. Henrique e o infante D. Luiz, a visitarem e conversarem o santo prior d'aquella casa, pelo gosto que tinham de o tratar.

São mais dous nomes que temos a juntar aos dos *fanaticos* e *jesuitas* d'aquella epocha!

No anno de 1558 morreu D. fr. Balthazar Limpo, arcebispo de Braga. A rainha D. Catharina, regente do reino durante a menoridade de seu neto el-rei D. Sebastião, tratou com todo cuidado de procurar quem o substituisse n'aquella dignidade. Por indicação do veneravel fr. Luiz de Granada, seu confessor e então provincial da ordem dominicana, foi nomeado o prior de Bemfica, fr. Bartholomeu dos Martyres, sujeito de relevantes qualidades, varão insigne em virtudes e lettras.

Da parte d'este humilde frade se deu bem firme repugnancia: nem as instancias da rainha, nem os rogos de fr. Luiz de Granada o podiam mover a aceitar a mitra: só a força da obediencia, o preceito do superior o convenceu. Aceitou, enfim, derramando lagrimas, e suspirando, como se o levassem a um patibulo.

A partir do dia em que foi elevado a alta hierarchia de primaz das Hespanhas, D. fr. Bartholomeu só viveu para o seu rebanho. No sustento e no vestido não se distinguia d'um religioso, sendo no palacio archiepiscopal o mesmo que na cella do convento. Foi o pae dos pobres, a quem sustentava com largas esmolas. Gastava muito tempo em ouvir, instruir e consolar os que o visitavam, e o resto do tempo o empregava na oração e no estudo.

Com ardente zelo visitou toda a dio-

cese de Braga, fazendo jornadas por montanhas alpestres, para ver pobres egrejas onde arcebispo algum havia entrado. Grandes foram os trabalhos que passou n'esta visitaçào, os quaes elle superou com invencivel animo, reformando costumes, cortando abusos, e obrando maravilhas e prodigios.

Floresciam n'este tempo, na universidade de Coimbra, os padres da Companhia de Jesus, que tinha varões eminentes em todo o genero de sciencias e virtudes. Desejava o santo arcebispo formar clorigos doutos e virtuosos para instruir a sua diocese, e logo se lhe representou que nos jesuitas tinha o que desejava.

Ora vejam que grande *fanatico* e *jesuita* não era D. fr. Bartholomeu dos Martyres!!

Tratou, pois, de fundar em Braga o collegio da Companhia de Jesus; e escreveu ao P. Diogo Saynes, geral da Ordem, uma carta em que lhe dizia: «Recorro aos padres da vossa ordem, tão cheios de zelo e capacidade, para os fazer meus coadjutores no serviço do Senhor, e os mais activos instrumentos da gloria divina n'um paiz, que tem uma necessidade extrema da sua caridade.»

Está dito: D. fr. Bartholomeu era necessariamente um grande *jesuita*! Que era reaccionario, não tem duvida: chamou os jesuitas para reagirem na sua diocese contra o vicio e o erro, que então não tinha tomado as proporções que apresenta em nossos dias.

(Continúa).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## Secção Critica

### COISAS! COISAS!

Não sabem os leitores d'um facto altamente escandaloso?!

Os *liberaes* conimbricos estão em crise! A *Correspondencia de Coimbra*, aquella liberalona *Correspondencia*, onde o snr. Dr. Garcia exhibia os raros dotes da sua intelligencia macaqueira foi despedida da casa do dito doutor, porque ella, a boa da *Correspondencia* «tem despedido na ideia, na linguagem, na dignidade e na independencia, tanto e tanto, até ao ponto de se converter em um pelourinho á disposição e mercê de qualquer sujeito mal intencionado ou de qualquer escrevinhador inconsciente, que se lembre de trepar a elle, para atirar a lama de sua casa ou as borras do seu tinteiro á face d'aquelles que deviam merecer-lhe, pelo menos, o respeito da abstenção e a homenagem do silencio.»

Bravo, doutor! E' pena que só agora

dêsse pelos desvarios da sua predilecta, quando são praticados por outrem!

Mas, que faria a dita para tão descortezmente ser posta na rua, e despedida da casa de quem tão *dedicado* lhe era? Andará jesuita no caso?

Leamos ainda uma parte da carta dirigida por s. ex.ª ao proprietario:

«Ora um jornal n'estas condições, um jornal que mente e calumnia não pôde ter entrada em casa de um cidadão honrado. Um jornal n'estas condições não ensina, não educa, desmoralisa o ensino, e perverte a educação.»

Quantas vezes, ha quantos annos os jornaes catholicos diziam isto mesmo da *Correspondencia* do snr. dr. Garcia! Que cegueira a vossa, ó sabio doutor positivista, que só tarde, bem tarde acordasteis do somno profundo em que a seita vos fazia jazer! Será que vós, membro da Universidade conimbricense, queiraes seguir o exemplo do mestre, do velho Littré, que ha pouco, ao esconder-se no tumulto, onde tudo acaba, se acolheu á sombra da mais ampla das bandeiras— a cruz de Jesus Christo?

Se assim fosse! Mas não, o que fez mudar de opinião, com respeito á sua *Correspondencia*, ao snr. dr. Garcia foi cousa mais importante. Leamos ainda parte da carta já mencionada:

«Um jornal que ridiculisa e insulta, descortez e aleivosamente, os liberaes convictos e desinteressados e uma associação de liberaes respeitavel, para defender e applaudir o bando reaccionario e jesuitico, essa matilha de especuladores mundanos, que, em nome de Deus e do ceu e abusando da religião que prostituem, promovem e alimentam a ignorancia, o fanatismo, a intriga, a discordia, a deshonra, a doenca, a loucura, a miseria, o desamparo e.....» etc., etc.

Vê-se que o nosso doutor não mudou; quem mudou foi a sua *Correspondencia*. E se ella mudou a ponto do seu antigo amigo a desprezar, mil *gracias* lhe enviaremos d'aqui.

O que é certo é o snr. dr. Garcia confirmar o que a imprensa catholica tem dito da sua *Correspondencia*.

Vae felizmente ganhando terreno a idéa aqui apresentada de fazer entrar os catholicos nas casas do parlamento portuguez. E assim deve ser, porque os catholicos não podem permanecer eternamente n'uma apathia vergonhosa, que os torna em degraus por onde trepam aos altos cargos do Estado os coripheus do atheismo.

O nosso collega da Ilha Terceira, o *Catholico*, esse soldado valente nas luctas da verdade contra o erro, reproduzindo o artigo que o nosso jornal publicára com o titulo de—*Os deputados catholicos no parlamento portuguez*,



antecede a transcripção das seguintes linhas:

«Tomamos a liberdade de reproduzir o seguinte bello artigo, publicado na excellentissima revista *Progresso Catholico*, e ao qual adherimos completamente.

E' um imperioso dever que os catholicos portuguezes acordem e tomem a peito o futuro da sua patria.

Incumbe-lhes esse rigoroso dever, visto que a Igreja em Portugal só está soffrendo ultrages; visto que estamos assistindo ao esphacelar continuo das nossas mais gloriosas instituições.

E' necessario protestar energicamente contra este estado de cousas, e tanto mais energicamente quanto é certo que governos que não primam pelo respeito á mais santa das instituições—o catholicismo, por nenhuma forma podem abrigar a mais nobre das virtudes civicas—o amor da patria.

E é necessario e indispensavel que este protesto se identifique com—acção; sem o que continuaremos a ser ludibriados.

E' verdade que ainda na constituição do Estado se acha consignada a—religião catholica—como religião do paiz, mas os factos de todos os dias estão evidenciando que isso é letra morta.

Felizmente está-se produzindo uma esperancosa reacção no continente. Deus a fecunde e que os catholicos se compenetrem do muito que podem para o bem da patria, pois que são a sua melhor e mais sã parte.

No estado das cousas em Portugal, a inacção dos catholicos pôde considerar-se muito mais do que simples inacção—um serio encargo de consciencia.»

Lavra nas diversas camadas, que constituem a nacionalidade portugueza, um certo espirito de malvada impiedade, impellido pelas satanicas idéas que o jornalismo perverso, e o livro despido de toda a idéa de Deus, que não vemos outro remedio para o combater a não ser a guerra a todo o transe, a guerra sem trezoas prégada pelos apóstolos da verdade, pelos ministros da religião santissima de Jesus.

Sim. O povo em sua maioria é ignorante, desconhece por completo as mais rudimentares noções do christianismo, e d'aqui a facilidade com que abraça as perniciosas doutrinas, que a impiedade, os inimigos de Christo lhe ministram nas columnas de suas gazetas, nas paginas dos seus livros. E se elle, o pobre povo, não abraça melhores doutrinas é, digamol-o com a franqueza que nos caracteriza, porque não ha quem lh'as ministra, porque não ha quem lhe leve a casa, quem lho aconselhe, quem lhe falle nas publicações catholicas, unicas que podem, com a felicidade domestica, dar-lhe a paz da consciencia, o san-

to e poetico viver da familia christã. Cumpram os catholicos com os seus deveres; propaguem as boas leituras com o mesmo afincio com que propagam as mas os coripheus do moderno liberalismo, e a humanidade será salva, e dias mais felizes raiarão sobre Portugal.

Ha dias dava-nos o *Noticioso*, de Valença, a seguinte noticia, que vem reforçar a nossa opinião:

«O esclarecido vigario geral d'esta comarca acaba de prestar um valioso serviço á religião, de que é digno ministro. S. Exc.<sup>a</sup>, tendo conhecimento de que duas pessoas da freguezia de Seixas tencionavam contractar casamento civil, como noticiamos n'esta folha, foi áquella freguezia e, em vista das razões que lhes expòz, pôde conseguir que desistissem do seu proposito e que resolvessem realisar o casamento á face da Igreja.

E' muito para louvar o zeloso procedimento do intelligente vigario geral, que se não poupou a despezas e incommodos com o fim de obter que os noivos abandonassem a sua pretensão de casarem civilmente. Bem hajam os que tão dignamente sabem cumprir a sua missão.»

Sim, bem haja; porque conseguindo que os noivos abandonassem a pretensão de casarem civilmente, obistou a que mais um alcouce se erguesse em meio d'um povo catholico, porque mais que um alcouce não é, nem pode ser, o tão decantado casamento civil.

UM LEITOR DE GAZETAS.

Seção Litteraria

O PHAROLEIRO E A NOIVA

Castigo de uma leviandade e digna reparação

«N'outro tempo... entrava-se n'um convento, hoje salta-se de um 5.º andar.» (P. M. T.)

A snr.<sup>a</sup> \* \* \* escreveu a seguinte narração, que muito nos interessou. Talvez aconteça outro tanto aos nossos leitores. Assim o esperamos.

Uma tarde contemplavamos ambas o firmamento povoado de nuvens negras. Soror Magdalona, quebrando o silencio, disse-me:

—E' prenuncio de vento; esta noute, o mar deve estar em vendaval.

—Minha irmã, respondi-lhe, o mar merece-lhe muitos cuidados.

Ouvindo estas palavras, depois de levantar os olhos ao céo, proseguiu em voz baixa:

—Nasci muito longe d'aqui, na costa occidental d'Inglaterra, n'um logar aprazivel e selvagem, onde não se ouve-

senão o bramir das vagas; onde não se vê senão uns rochedos, levantados como uma barreira entre a terra e as ondas.

A minha familia era pobre, obscura, mas era catholica, d'uma antiga estirpe.

Por causa da nossa religião, não conviviamos muito com os visinhos; o nosso circulo era limitadissimo; porém, n'esse isolamento amavamos-nos melhor, e eramos felizes.

Minha mãe, minha pobre mãe, a alegria do lar, morrera; meu pae era piloto da barra; ausentava-se muitas vezes de casa, e confiava-me aos cuidados d'uma velha prima, que me queria do coração, e me ensinara a rezar, a ler e a trabalhar. Não tinhamos outro parente proximo senão Eduardo, sobrinho de minha mãe. Esse tambem era muito meu amigo, e meu pae promettera-lhe que eu seria sua mulher, quando chegasse aos dezanove annos. Devia então vir viver connosco e substituir meu pae, que já estava caçado, no seu emprego de piloto da barra.

Eu estava tranquilla, feliz, tanto quanto se pôde ser n'esto mundo; tinha apenas um cuidado; era a ausencia repetida de meu pae e de Eduardo; um ausentava-se para dar entrada aos navios no porto... o outro, emquanto não casavamos, habitava em companhia de seu velho tio, o guarda do pharol que se erguia em meio do mar, quasi defronte de nossa casa.

Aquelle pharol tinha para mim um não sei que, fazia-me medo! De dia, assimilhava-se a uma columna de granito, construida sobre penhascos aridissimos, contra os quacs se levantavam as ondas em altas escarcéos; de noute, via-se apenas um olho de fogo, aberto em meio das nuvens...

Eu não podia gostar do pharol, porque sabia quantas horas de aborrecimento passava alli o pobre Eduardo, só, com seu tio, ancião, achacado e triste, occupado apenas em tractar do machinismo que fazia subir o azeite ao macheiro do pharol. Porém Eduardo não suspeitava, sequer, que tinha quem se interessasse tanto pela sua sorte e pelo seu isolamento, porque eu era leviana, brincalhona, e divertia-me irreflectidamente, zombando dos sentimentos da sua alma.

Algumas vezes, Eduardo chegava a duvidar da minha affeição e o meu maior gosto era mortifical-o; escolhia, de proposito, para fazer alguma visita, as horas que elle vinha passar a nossa casa; n'uma palavra, gostava de lhe excitar ciumes, escarnecia da sua dor, e obrava como uma louca. Não tinha mão que me dirigisse e aconselhasse.

Um dia, em presença de Eduardo, uma visinha convidou-me para ir no dia immediato passar a tarde em sua casa;

queria mostrar-me algumas curiosidades que seu filho trouxera das Indias, e que eu ceiasse em companhia dos seus. Apenas ella saiu, Eduardo pediu-me muito que não fosse; eu respondi-lhe gracejando, e por fim não disse sim, nem não: elle retirou-se para o seu deserto, cabisbaixo, e devorado pelo ciúme.

No dia seguinte, ao meio dia, meu pae embarcou para ir ao encontro d'uma vela que se avistava; abraçou-me, antes de sair, e, voltando atraz para me abraçar outra vez, disse-me:

Dentro de quinze dias casarás com teu primo, e não te deixarei mais. Adeus, minha filha.

Abracei-o, em sobresalto com o coração opprimido, e, por largo espaço, segui com os olhos o seu barco que se deslizava sobre as ondas.

Estavamos no equinocio do outono, e o tempo variava muitas vezes ao dia. Pela tarde, o vento começou a soprar rijo, e o mar coberto d'espuma parecia um campo de neve.

Eu não ceci, e depois d'um pequeno sarão, minha prima recolheu-se ao quarto. Recolhi-me tambem ao meu, recei por meu pae que devia voltar de madrugada. Por muito tempo estive contemplando o pharol, cujos olhos faiscavam no meio d'um céu sinistro, ameaçador e como não tinha somno, sentei-me, pensando nos ausentes e pezarosa de não haver dado uma resposta agradável a Eduardo.

O relógio acabava de dar onze horas, quando um ruido singular despertou a minha attenção. Parecia que tinham atirado com uma pouca d'areia aos vidros da janella do meu quarto. Corri á janella, abri, e uma voz muito conhecida pronunciou o meu nome.

—Eduardo! É's tu?

—Perdoa-me, respondeu Eduardo, não tinha o espirito socegado... queria saber se tinhas ido a casa da tua vizinha... meu tio dormia a somno solto... deixei o pharol, arrojé-me ás ondas, nadei... eis-me... Deus louvado! encontrei-te.

Um profundo remorso veio pungir-me o coração. Por minha causa, Eduardo faltara aos seus deveres, abandonara o pharol confiado á sua guarda! e eu... eu era a culpada!...

—O' Eduardo, que fizeste?!

—Estava louco... perdoa-me; duvidei de ti, abandonei o meu posto... porém teria atravessado uma fogueira, para saber onde estavas.

Eu já o não ouvia; um espanto invencível conservava os meus olhos cravados no pharol. A luz, ainda ha pouco tão brilhante, empallidecia de segundo em segundo; luctou, vacillou morreu... O pharol acabava de se apagar... As ondas ficaram subitamente envoltas na

mais negra escuridão, e um grito de angustia, de mortal angustia, se me soltou do peito.

—O pharol! bradei.

Eduardo voltou-se e uma surda exclamação prorompeu de seus labios.

—Miseravel, bradou então; está apagado e por minha culpa! Adeus.

—Aonde vaes, Eduardo?

—Volto ao meu posto, adeus Nancy, adeus.

Ouvi os seus passos, e o baque d'um corpo que se atirava á agua. Cai de joelhos... não me atrevia a levantar a cabeça... apenas ouvia o sibilar do vento e os mugidos das ondas enfurecidas. Quanto tempo decorren assim? ignoro. Horas?! minutos?! não sei; mas esses momentos pezaram sobre mim como seculos de torturas. Quando me atrevi a olhar na direcção do pharol, não vi luz, era tudo escuridão na terra, no mar, no céu. Eduardo não tinha chegado!

O vento soprava mais e mais; olhava sempre, como se pudesse rasgar o véo que cobria o horisonte, quando, de repente, em meio das ondas, vi uma luzinha vacillante... o toque d'uma sineta feriu-me ao mesmo tempo os ouvidos... reconheci a luz e o signal d'alarme d'uma embarcação em perigo, e a lembrança de meu pae atravessou-me o coração com a rapidez do raio. A luz aproximava-se, voava por cima das ondas, ora desaparecendo nos profundos valles, ora brilhando sobre as cristas espumantes.

Já não se ouvia o toque da sineta... gritei, chorei... ninguem me ouviu... minha prima era surda, e a nossa casa construida sobre os rochedos estava longe do povoado... a embarcação aproximava-se com uma velocidade vertiginosa... eu não distinguia nem a coberta, nem os mastros... só via a luz tremula... Evidentemente, os que estavam a bordo não conheciam a costa, ou antes, desnortecados pela extinção do pharol, não julgavam estar tão perto dos rochedos contra os quaes iam naufragar. Meu pae talvez alli estivesse e eu não podia soccorrel-o! De repente, impellida por uma rajada, a luz passou diante de meus olhos... ouvi um choque, uns gritos desesperados, que a voz das ondas não podesse abafar... O navio acabava de varar, mesmo ao pé da nossa casa... Aquelle choque retumbou no meu coração e no meu cerebro... julguci ver meu pae e o meu noivo, estendendo-me os braços do fundo das ondas... quiz correr em seu auxilio, e cai desmaiada.

Quando voltei a mim, estava deitada sobre a cama; minha prima e uma mulher, nossa amiga, velavam junto do meu leito, com o semblante contris-

No quarto contiguo, ouvia-se um ruido de vozes e de martelladas. Pedi então a minha prima que me contasse o que havia occorrido. Ella, porém, recommendou-me silencio, tapando a cara com o lenço. Não tinha força para falar; mas escutava com estranha attenção os rumores que saiam do quarto visinho. As martelladas tinham cessado; ouvia-se apenas uma voz que falava n'um tom cadenciado, como de quem reza. Depois, nem essa voz se ouvia; alguns minutos mais tarde, ruido de passos debaixo da minha janella... toda a minha attenção, toda a minha vida estavam concentradas n'esse ruido, e, antes que dessem por tal e me pudessem deter, embrulhei-me no cobertor e corri á janella... n'um volver de olhos comprehendí tudo... dois ferretos conduzidos por uns marinheiros; na frente um sacerdote catholico; acompanhando o saimento os marinheiros e pescadores da costa... lá iam todos caminho do cemiterio.

Eduardo e meu pae tinham deixado de existir; o mar arrebatara tudo o que me era mais caro!

Meu pae encontrara a morte mais cruel, ao pé de sua casa e quasi á vista de sua filha. Os restos do pobre Eduardo foram levados pelo mar a grande distancia, e as suas feições conservavam a impressão d'uma lucta insana com uma morte horrorosissima...

Ninguem podia explicar aquella catastrophe, porque ninguem reparava no pharol, e todos os habitantes da costa iriam jurar que o tinham visto arder toda a noute.

Acreditou-se, geralmente, que Eduardo, ouvindo os signaes do navio, se arrojara ao mar para lhe prestar soccorro e que fôra victima da sua nobre dedicação...

Só eu sabia a verdade... e teria morrido de exaspero, se a misericordia de Deus, vindo em meu auxilio, não me houvesse indicado a senda da penitencia e do arrependimento. Guiada por um sacerdote que me conhecia desde a infancia, resolvi-me a entrar na clausura; vim bater á porta d'esta casa, onde fui admittida, apezar da minha indignidade. Vivo aqui entre anjos, pobre, miseravel como sou... Mas, em qualquer lugar onde me encontre; na oração, no trabalho, na cama, dormindo ou acordada, a recordação do mar persegue-me, e a imagem dos que já não existem está diante de meus olhos. Talvez não tarde que torne a vel-os... e pode ser que as orações das minhas irmãs em Jesus Christo obtenham da justiça de Deus mercê para esta pobre peccadora.

Calou-se um momento e proseguiu com voz alterada!

—Já vê, minha filha, aonde me con-

duziu a leviandade, e a indiscricção.

Em seguida, levantou-se e dirigiu-se ao claustro com passos lentos. A' porta da cella, abraçou-me e disse-me:

—Reze pela pobre Magdalena.

—Não tornei a vel-a: os seus padecimentos habituaes tornaram-se n'uma enfermidade mortal.

Falleceu na paz do senhor, n'uma paz celeste que denunciava a estreita união d'essa alma com o seu Deus.

J. C.

### Retrospecto da quinzena

Guimarães teve a alta honra de ser visitada por S. Ex.ª Rev.ª Monsenhor D. Antonio Sebastião Valente, Arcebispo eleito de Goa, e nós, humilde representante da imprensa catholica em Guimarães, tivemos a não menor honra de ser recebido por S. Ex.ª Rev.ª, conhecendo pessoalmente o venerando apóstolo do catholicismo, que já conheciamos de ha muito pelos seus muitos trabalhos em prol da causa de Deus e da civilisação.

S. Ex.ª Rev.ª chegou a esta cidade na manhã do dia 2 do corrente em companhia de S. Ex.ª Rev.ª Monsenhor Luiz Maria da Silva Ramos e do Rev.ª Sr. Padre Francisco dos Santos e Cunha e de varias pessoas que d'aqui o foram esperar. Hospedou-se em casa do ex.ª sr.ª D. Custodia Peixoto de Mattos Chaves, onde permanecera até ao dia 5 em que partira para Coimbra.

No dia da chegada visitara S. Ex.ª Rev.ª o magnifico sanctuario onde se venera a veneranda imagem do arcebispo Martyr S. Torquato e nos dias seguintes honrou com a sua visita varios estabelecimentos de caridade christã que possui Guimarães. Não se esqueceu S. Ex.ª Rev.ª de visitar a livraria Teixeira de Freitas, editora do *Progresso Catholico*, honrando assim este estabelecimento, foco da reacção catholica do paiz.

No dia 3 pelas 11 horas, e apesar de ser o dia da romaria de S. Torquato, onde concorre tudo de Guimarães, arredores e concelhos do Minho, enchiase de fleis o vasto templo da Misericórdia para ouvir o sabio e virtuoso Arcebispo de Goa. S. Ex.ª não estava preparado, e apczar do incommodo da jornada, satisfez aos desejos e rogos da secretaria das Filhas de Maria n'esta cidade a ex.ª sr.ª D. Josepha Carolina Peixoto de Mattos Chaves, e fez a pratica à sympathica associação a que a virtuosa senhora preside, e a quem a mesma associação, e a miscria d'esta terra tanto devem.

S. Ex.ª Rev.ª fallou por largo espaço de tempo e o seu discurso, que po-

dia ser pronunciado perante uma sabia academia, foi escutado religiosa e attentamente por todas as pessoas que enchiam o templo. Fallou dos deveres do christão para com Deus, do respeito devido à casa do Senhor, das expoliações que à Igreja teem sido feitas pelos modernos governantes e findou por afevorar o culto devido à Mãe de Deus, incitando as filhas do Sagrado Coração de Maria a que pratiquem regularmente todos os deveres que lhe impõe a santa associação a que pertencem.

Ainda não escutaramos as verdades da Igreja n'um portuguez tão claro; S. Ex.ª Rev.ª sem esquecer a linguagem usada na Academia, fazia-se comprehender de todos, porque chamava às cousas pelo seu nome, dizia as verdades francamente, como sabe dizel-as o apóstolo que, desprezando as considerações da terra, se inspira só nas leis que emanam do céo.

Por isso a *Associação liberal* de Coimbra, o *Conimbricense* e toda a patusca da liberalista lhe chama jesuita, reacccionario, intolerante! Mas é por isso mesmo que S. Ex.ª Rev.ª é digno de occupar a cadeira metropolitana de Goa, porque como elle fallavam os apóstolos diante dos Cezares, mesmo quando as cadeias lhes rocheavam os pulsos.

Não querem, os positiveiros, que Littré, apesar de se baptisar, inorresse no gremio da Igreja Catholica. São como os carneiros, teimosos a mais não ser. E, repetindo todos em grita que de nada valera o baptismo a um homem que nunca dera mostras de gostar dos catholicos.

Mas os factos provam o contrario, como vemos pelo seguinte documento que se lê na vida do padre Millériot, ultimamente posta à venda em Pariz:

«No dia da morte do padre Millériot, o seu superior, o rev.º padre Pitot, julgou dever transmittir a M. Littré a dolorosa noticia, e significar-lhe que o seu veneravel amigo morrera morte de santo, orando por elle.

«Eis aqui a textual resposta de M. Littré, que deixa presentir a grande mudança, que devia operar-se n'elle, sob a influencia da graça, às portas da eternidade.

«E' viver alguns dias demais, o viver para vir morrer homens taes como o padre Millériot. E' para mim uma grande perda. Foi para mim de uma bondade angelica. Amava-me sem nada haver em mim, que motivasse essa sua afeição. Eu não a merecia; mas gosava d'ella, como de uma graça, e grande era o meu reconhecimento.

A graça é-nos dada sem que se mereça; vós o sabeis melhor que eu.

«Agradecimento ao padre Superior e dei-lhe que a sua participação de hoje

me é bem dolorosa em sua causa, mas tambem me é bem doce, pela attenção, que me testemunha.»

Littré morreu a 2 de junho, e o padre Millériot havia deixado este mundo a 4 de março. Como se pôde explicar que tres mezes antes tivesse relações com os principaes jesuitas de Pariz, e que não gostava dos catholicos, nem do catholicismo?

Deixemos asnear os positivistas de cá e de lá e tenhamos por certo que Littré ha muito havia mudado de idéas, ha muito que estava em seu animo o acolher-se nos braços da Igreja catholica. E se não, como se explica que Littré, o chefe, o patriarcha do positivismo, fosse amigo, tratasse com intimidade os padres jesuitas, ao passo que o sr. Theophilo Braga, que nem discipulo pôde ser de Littré porque jámais o comprehendeu, não gosta nem pôde vêr os padres jesuitas?!

E' que entre Littré e os Theophilos ha uma grande distancia: Littré era um sabio, e estes ainda que tarde chegam a vêr as cousas como ellas são; os Theophilos não são cousa nenhuma e por isso se afastam da Igreja onde a sua nullidade os não deixa vêr nem entre varredores das sachristias, porque estes sabem a doutrina christã e os Theophilos nem isso sabem.

Bem fez o Rev.º padre Senna Freitas que rezou uma missa por sua alma, convidando o povo de Braga para assistir a ella.

Que ferro para os positivistas!

Eis como o *Commercio do Minho* dá a noticia da celebração da missa:

«Realisou-se no dia 28 do mez transacto a missa de *requiem* por alma de Emilio Littré, que annunciaramos e para cuja assistencia convidaramos os cavalheiros d'esta cidade, no nosso ultimo numero. Tinham tambem sido dirigidas numerosas cartas de convite em ordem ao fim designado.

A missa effectuou-se na igreja do Populo, pelas 9 e meia horas da manhã, tendo sido dicta pelo rev.º sr. padre Senna Freitas, que fóra quem tomara a iniciativa d'este acto funebre por alma do illustre snado, fallecido no gremio da Igreja Catholica.

Compareceram muitos cavalheiros, assim ecclesiasticos como seculares, das primeiras camadas sociaes de Braga, e a ceremonia, que já em si era tocante, ganhou um lustre peculiar na mui distincta e recolhida assistencia que n'ella tomou parte.

Depois de concluida a missa, o rev.º padre Senna Freitas, voltando-se para as pessoas alli presentes, dirigiu-lhes uma pequena mas pathetica allocução, na qual tomou para topicos as seguintes considerações: 1.ª como as graves perspectivas da morte e da eternidade

aproximam o homem de Deus e tornam christão o seu espirito transviado, 2.ª quam grande ha-de ser a confiança que devemos ter e elevada a noção que devemos formar da misericordia de Deus, 3.ª como na influencia que teve a esposa de Littré na conversão do marido se reconhece a alta influencia da mulher christã na moralisação do homem, d'onde se infere a suprema conveniencia da educação christã da mulher, 4.ª quaes os prodigios de regeneração que obtem, depois de Deus, o zelo do verdadeiro padre catholico.

O orador terminou por congratular-se com os numerosos fleis, presentes a este acto, pelo triumpho conseguido pela religião, e, tendo feito uma curta oração por alma de Littré, retirou-se a sacristia.»

Se Littré morresse fóra da Igreja seria a missa mandada rezar pelos positivos, e não faltaria algum padre tão *candido* que se prestasse...

Braga engrinaldou-se de novo, em honra da Santissima Virgem, no dia 19 do passado mez.

Era a peregrinação dos artistas bracaraenses ao monte Sameiro; era a publica manifestação que uma classe fazia da sua fé, do seu amor para com Aquella a quem tudo devemos; era um solemne protesto contra as blasphemias, contra a estúpida e pedante descrença que por ali se alardeia em meio das praças e ruas das nossas cidades.

Bem hajam os olhos das artes da cidade primacial, e bem haja todo o povo bracaraense, que se associou a essa imponente manifestação.

D'aqui, de sobre este baluarte da fé catholica, que tem hasteada entre suas ameias a Cruz da redempção, e que por armas só tem as que lhe fornece o prisioneiro do Vaticano; d'aqui, um brado entusiastico de agradecimento aos filhos de Braga e outro brado de animação para que continuem a confundir os impios com as publicas manifestações de sua crença.

Eis como um collega nosso, de Braga, descreve a ordem da peregrinação:

«Na manhã de domingo, ás 6 horas, sahii a imponente procissão.

Na vanguarda ia uma toura offerecida por um camponez da freguezia d'Arcos, depois um sino em um carro ornado de festões e bandeiras, offerta de subido valor, dado pelo snr. Narciso Antonio da Costa Braga, proprietario da fundição de sinos de S. Lazaro; em seguida coros de virgens formosissimas em trajos peregrinos, com bordões e chapéos proprios e vestidas de branco, symbolizando a candura d'alma e a pureza

dos sentimentos e intenções que se albergam no coração dos peregrinos.

Viam-se tambem dois ricos frontaes, levados e offerecidos por creanças, empunhando lindos ramilhetes que traduziam o jubilo santo com que iam visitar a immaculada Conceição. O retrato do benemerito e devoto padre Martinho, iniciador do Monumento, que corôa o Sameiro, era levado por dois artistas; uma bella estante de pau preto, bem como seis cotas lindissimas e seis jarras offerecidas por creanças eram conduzidas pelas mesmas; um rico quadro da memoria da peregrinação dos artistas, offerecido pelo snr. Elias, distinctissimo e habil artista d'esta cidade, era levado por dois mancebos; porém o objecto mais precioso era uma riquissima cruz como ainda não vimos outra: é toda de prata lavrada com grande mestria; é obra de primor, o que muito honra as artes bracaraenses por ser trabalho da terra.

Acompanhavam muitos artistas em fileiras, formando as paredes da procissão, todos com festões enrolados n'uma zona de papel, onde se liam varios distinctos significativos do sentimento que resumia a festa.»

No Sameiro fez um magnifico discurso Monsenhor Rebello de Menezes, cantando em seguida missa solemne. Depois sahii uma procissão, sendo levado o Santo Lenho pelo mesmo Monsenhor Rebello de Menezes, esse sacerdote modelado, prompto sempre para abrilhantar todas as manifestações do culto catholico com sua presença.

No dia seguinte, promovida pela mesma commissão dos artistas celebrou-se uma missa, suffragando a alma do Rev.º Padre Martinho Antonio Pereira da Silva, d'esse apostolo do seculo 19 a quem Braga deve o monumento do Sameiro, que tanto a honra.

Falta-nos espaço tanto, quanto é o desejo de reproduzir aqui o que por essa occasião fóra distribuido por todas as pessoas presentes, memorando os serviços e as virtudes do padre modelo, que hoje, do céu onde habita, abendico a sua obra, coroada do melhor exito.

Dizem-nos os jornaes que foram imponentes as festas que em honra do Sagrado Coração de Jesus, se fizeram em Penafiel.

Ao Rev.º Padre Antonio Ferreira de Souza, a quem a religião de Jesus Christo tanto deve, e que foi o principal promotor d'esta festividade, enviamos mil parabens de envolta com mil agradecimentos pelo muito que se empenha em propagar por todos os meios o explen-

dor de nossa santissima e augusta religião.

Os amigos, que se reuniram estreitamente para promover o engrandecimento material do reino de Italia, e a queda do poder temporal de S. Santidade, estão agora em riscos de se medirem no campo onde a força bruta vae resolver todas as questões. Quando ha dias regressava de Africa o exercito francez, desembarcando em Marselha foi alli recebido com apupos e insultos pela colonia italiana alli residente, sendo necessario a intervenção da força para evitar maior conflicto.

Quer-nos parecer que aos insultos e apupos escutados ha pouco em Marselha se seguirão em breve as detonações da fusilaria e da artilheria franceza e italiana.

Se vierem ás mãos, como é costume dizer-se, qual será a vencedora? Qual será aquella que mais protecção mereça d'Aquetic que decide das batalhas? Que surgirá das ruinas que as duas nações amontoarem ao chocarem-se?

Deus, e só Deus o sabe!

A tolerancia republicana do governo de França vê-se que é destinada só para os amigos...

Não ha muito que em frente da casa de Victor Hugo, do poeta demagogo, desfylava uma enorme multidão procissionalmente para saudar o auctor dos *Miseraveis*, e sem que a policia tentasse a tal obstar. Em Nantes, porém, como em todas as cidades de França fora prohibida a procissão do Corpo de Deus. Não pôde soffrer tal prohibição o animo d'aquelle povo catholico, e, não podendo fazer a festividade tradicional sahii para a rua entoando canticos religiosos, que quizeram abafar os seus inimigos erguendo cantos anti-catholicos e obscenos. Resultou de tudo isto um serio conflicto.

Mas... viva a republica, a *liberdade* e a *igualdade* de funil.

O caduco de Victor Hugo pôde apavorar-se á janella recebendo as ovações dos maltrapilhos; Jesus Christo na Sagrada Eucharistia não pôde ser levado pelas ruas das cidades francezas!

E' que os Theophilos e os Alexandres... Bragas, de lá são tambem como os de cá—antes de tudo... atheus.

J. DE FREITAS.

IMPRESSA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS